

GORDOS QUE DANÇAM – PRIMEIROS OLHARES

DANIELA RICARTE¹; MARIA FALKEMBACH²

¹Universidade Federal de Pelotas – dan.ricarte@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mariafalkembach@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta parte dos primeiros movimentos de pesquisa em andamento, como trabalho de conclusão no curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Aqui, um breve levantamento do tema, apresentando alguns conceitos que estão auxiliando na escrita e no olhar para o campo.

Se, historicamente, em diferentes tempos, diferentes corpos dançam, porque dizemos e ouvimos com tanta certeza e facilidade ‘não tenho corpo para dança’ ou, ‘já passei da idade’, ou ainda, ‘isso não é para mim’. Qual seria, portanto, o perfil físico, social, psicológico para dançar? Haveria corpos certos ou corpos mais adequados para dançar?

Apesar do movimento teórico e iniciativas de quebrar estereótipos e padrões para o corpo que dança, conforme indicam MARQUES (2012), NUNES (2004/2005) e VENDRAMIN (2013), entre outras autoras, esses ainda permanecem vivos e atuantes na sociedade.

Enxergo discursos e práticas discursivas (FOUCAULT, 1987) que estabelecem um padrão corporal para dança, construído e reforçado pela história, resquícios de uma concepção grega de corpo perfeito – jovem, magro, delineado, flexível.

Apoiada na crença de que a dança é para todos os corpos, ainda que poucos exemplos à margem de um estereótipo tenham ganhado visibilidade e mídia, confio que os estereótipos de corpo pra dança, esse imaginário social que indica a quem cabe dançar ou não, é construção histórica, contextual.

Nesta pesquisa e perspectiva, me proponho estudar o corpo gordo que dança, a partir da questão: que estratégias são possíveis e/ou necessárias para se estabelecer no campo sendo/estando fora do padrão magro?

2. METODOLOGIA

Nesse recorte apresentamos uma parte da pesquisa bibliográfica que alicerça a pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Investiguei, em livros e artigos, um panorama de entendimentos sobre corpo, sobre a construção de estereótipos, em especial os estereótipos para a dança, assim como algumas óticas sobre o corpo gordo. Para tanto, utilizei autores reconhecidos por suas escritas em um, ou mais desses conceitos chaves – corpos; gordos; dança – assim como busquei junto ao catálogo de teses e dissertações da CAPES, trabalhos a partir das palavras-chave: dança e gord*¹; bailarín* gord*; dança e estereótipo; dança e sobrepeso; dança e obes*.

¹ No site do Banco de Teses e Dissertações da CAPES o uso do asterisco permite resultados a partir do radical, como por exemplo: dança e gordo ou dança e gorda ou dança e gordura ou ainda outros que possam surgir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

MARQUES (2012, p. 116), ao falar sobre a concepção de corpo a partir do balé clássico, aponta o corpo como elemento a ser adestrado, controlado, aperfeiçoado, encaixado em padrões técnicos e estéticos pré-estabelecidos e sem necessariamente respeitar vontades e limites.

Historicamente os padrões estéticos para o corpo que dança – magro, ereto, jovem, virtuoso, flexível, etéreo e longilíneo – foram, em algum momento, segundo VENDRAMIN (2013, p. 1) escolhas e, portanto, como tal, podem e devem ser revistas construindo novas e diversas estéticas. As escolhas, nunca são neutras; ao contrário, seguem e refletem interesses sociais. Conforme NUNES (2004/2005, p. 48), “nossa própria subjetividade, gosto pessoal e senso do estético são ideologicamente condicionados”, a autora destaca ainda, a constante revisão, provocada pela arte contemporânea, do paradigma do corpo clássico, completo e perfeito:

A dança na contemporaneidade vem permitindo cada vez mais a convivência de corpos diversos [...]. A multiplicidade e diversidade caracterizam esta dança, com corpos híbridos nascidos na contaminação entre fontes culturais, técnicas corporais e gêneros artísticos distintos (NUNES, 2004/2005, p. 46).

Há pouca literatura da dança enquanto campo de conhecimento. Dentro desses poucos escritos, identifiquei alguns direcionados a diversidade, especialmente a dança para/de/com deficientes.

Assim, iniciar um movimento de estudo mais especificamente sobre o corpo gordo que dança além de abrir novas possibilidades de pesquisa e outra perspectiva para além dos estudos de mensuração e comparação da área da saúde contribuirá para o campo da dança como um todo.

Um exemplo da escassez de trabalhos com outras perspectivas e entendimentos no que tange o corpo gordo na dança, foi o movimento de levantamento de estado da arte a partir dos binômios “sobrepeso e dança” e “obeso e dança”, onde 100% dos resultados obtidos junto ao banco de dados da CAPES estavam ligados a caminhos da área da saúde.

Observo a operação de uma norma (FOUCAULT, 1987), de um exercício de poder, que sugere a todos uma forma de ser e estar no mundo. Nessa perspectiva, ser gordo e dançar é também uma forma de resistência, de escape.

Na compreensão de corpo, para além dos aspectos biológicos, podemos dizer que há normas e padrões que estabelecem a normalidade. Se há normalidade, há também aqueles que escapam a regra, que fogem dos padrões desejados, que, com o auxílio de VEIGA-NETO (2001), podemos chamar de anormais:

[...] a palavra *anormais* para designar esses cada vez mais variados e numerosos grupos que a Modernidade vem, incansável e incessantemente, inventando e multiplicando: os sindrômicos, deficientes, monstros e psicopatas (em todas as suas variadas tipologias), os surdos, os cegos, os aleijados, os rebeldes, os pouco inteligentes, os estranhos, os GLS, os ‘outros’, os miseráveis, o refugio enfim (VEIGA-NETO, 2001, p. 105. grifo do autor).

Mesmo dentro dessa anormalidade há certas normas, regras, expectativas. FISCHLER (1995) fala sobre os padrões de comportamento dos obesos, apontando no mínimo duas classificações possíveis: os obesos benignos e os obesos malignos.

Ainda que a gordura ocupe esse espaço de anormalidade, existe para com os obesos certo preconceito favorável (FISCHLER, 1995, p. 69-70), uma ideia de alegria e bom humor, ligada à imagem dos gordos. É certo, também, que esse corpo gordo é ambivalente, cabendo a ele tanto a imagem de preguiçoso, doente, depressivo quanto a figura de simpático, extrovertido e engraçado.

O que pensamos sobre o gordo, o encaixe nesse ou naquele papel tem ligação com a imagem social do gordo, com os papéis sociais que deles se esperam; há certos papéis, certas profissões mais apropriadas ao gordo, papéis que, inclusive, por vezes transformam a gordura em outra coisa, como músculos ou força (FISCHLER, 1995, p. 73). Não cabe, ou cabia, ao gordo o espaço da arte, da dança, quando muito - conforme aponta NUNES (2004/2005, p. 48) sobre os corpos diferentes - restava o espaço da dança-terapia e da educação pelo movimento.

É ainda necessário destacar o tempo e contexto da norma: a normalidade é uma construção histórica e discursiva. Conforme traz FISCHLER (1995, p. 78), houve um tempo em que os ricos eram gordos e, portanto “uma rotundidade razoável era bem vista. Ela era associada à saúde, à prosperidade, à respeitabilidade plausível, mas também o capricho satisfeito” (FISCHLER, 1995, p. 78).

Até o próprio conceito de gordo foi historicamente modificado; “era preciso sem dúvida, no passado, ser mais gordo do que hoje para ser julgado obeso e bem menos magro para ser considerado magro”. (FISCHLER, 1995, p. 79).

O corpo na cena opera formas de representação da sociedade, dos corpos, dos sentimentos. “Movimentos e gestos em dança permitem formular impressões, conceber e representar experiências, projetar valores, sentidos e significados, revelar sentimentos, sensações e emoções” (DANTAS, 1999, p. 17). E assim como na sociedade, também na cena, corpos que escapam aos padrões, independentemente de suas capacidades, são colocados à margem.

4. CONCLUSÕES

Nos encontramos em um momento de transição, transição que “não indica uma superação do passado ou uma escalada rumo ao futuro, mas um lugar e um momento de trânsito, um processo contínuo” (PRYSTHON, 2003, p. p.46), mas a possibilidade de construir novas e diversas danças, “o corpo da dança na contemporaneidade permite a propagação da diferença, a possibilidade de existência de corpos diversos numa anatomia humana que tende a uma assimetria crescente” (NUNES, 2004/2005, p. 53).

Este trabalho traz uma nova perspectiva: olha o corpo gordo na dança fugindo das perspectivas da saúde, do emagrecimento, do uso da dança como uma espécie de tratamento da gordura; reconhece nesse apenas mais um corpo possível para fazer arte, para dançar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, M. F. **Dança**: o enigma do movimento. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

FISCHLER, C. Obeso Benigno Obeso Maligno. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-80.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1987.

MARQUES, I. A. Corpo, Dança e Educação Contemporânea. In: _____. **Dançando na Escola**. 6ed. 2012. p. 113-128.

NUNES, S. M. Fazer Dança e Fazer com Dança: perspectivas estéticas pra os corpos especiais que dançam. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 6/7, p. 43-56, 2004/2005.

PRYSTHON, Angela. Margens do Mundo: a periferia nas teorias do contemporâneo. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 21, p. 43-50, ago. 2003.

VEIGA-NETO, A. Incluir para Excluir. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Orgs.). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 105-118

VENDRAMIN, C. Diversas Danças – Diversos Corpos: discursos e práticas da dança no singular e no plural. **Do Corpo**: ciências e artes, Caxias do Sul, v. 1, n. 3, p. 1-18, 2013. Online. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/docorpo/issue/view/153/showToc> Acesso em 4 set. 2018.